



A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação



Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

Neste Boletim, trazemos um pouco da trajetória de Paulo Freire, sua proposição para alfabetização de jovens e adultos, o Plano Nacional de Alfabetização dela derivado, e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Mais do que homenagear sua trajetória e suas contribuições para a Educação no Brasil, lembramos que a Educação nunca é neutra, e que é preciso atentarmos não somente a objetivos enunciados, mas à conjuntura e aos objetivos e projetos que sustentam cada política ou proposição educacional.

Lembrete válido para este Boletim, que busca explicitar os dois grandes projetos do título, e também para os tempos atuais.

NESTE NÚMERO

Plano Nacional de Alfabetização e Movimento Brasileiro de Alfabetização: propostas antagônicas para o letramento da população adulta brasileira



Plano Nacional de Alfabetização e Movimento Brasileiro de Alfabetização: propostas antagônicas para o letramento da população adulta brasileira

Bárbara Moraes dos Santos

Nosso país tem passado por um período de polarização nos últimos anos, em que Paulo Freire, mesmo em 13 de abril de 2012 (Lei nº 12.612) sendo reconhecido por suas contribuições como Patrono da educação brasileira, tem sofrido diversos ataques, na tentativa de anular seus esforços para a alfabetização de jovens e adultos, e suas contribuições para a compreensão da educação e para a ação educativa. Nesse contexto, o principal objetivo desse boletim é apresentar ao leitor um contexto geral da vida e contribuições de Paulo Freire como um indivíduo que tinha como maior preocupação a educação no Brasil. Além disso, o segundo intuito desse texto é evidenciar a diferença entre os modelos de pedagogia e alfabetização no período pré golpe de 1964 – que tinha inspiração Freiriana – e o projeto implementado na ditadura civil militar.

Paulo Freire foi o criador do método de alfabetização de jovens e adultos que leva seu nome, e que almeja que, além de alfabetizado, o educando seja auxiliado, por meio de um processo respeitoso, afetuoso e que instigue sua curiosidade a perceber o mundo e os problemas de sua realidade de forma consciente, crítica e libertadora. Muitos acontecimentos ao longo da vida de Freire o guiaram para o caminho da educação e da alfabetização. Apesar de método inovador e eficiente, Freire foi perseguido no período da ditadura civil militar de 1964, precisando buscar exílio de sua pátria em diferentes países. Mesmo exilado, ele nunca deixou de acreditar no poder da educação, e nunca parou de produzir materiais, como seu famoso livro “Pedagogia do Oprimido” escrito em 1968 enquanto estava abrigado no Chile.

Usando como base a tese de doutorado de Vinícius França de Sene (2025) intitulada "A ditadura militar brasileira (1964-1985), na vigilância do exílio de Paulo Freire: uma construção de um educador subversivo" podemos ter acesso a uma construção narrativa da vida e luta de Freire. Nascido em 19 de setembro de 1921 em Recife - Pernambuco no bairro da Casa Amarela, Paulo Reglus Freire e seus três irmãos são filhos do policial militar Joaquim Temístocles e da dona de casa Edeltrudes Neves Freire. Seus pais proporcionavam aos filhos uma boa vida, nos padrões da classe média da época. No grande quintal de casa, em meio às árvores e a natureza, Paulo teve sua curiosidade instigada logo quando criança. Foi nesse cenário que o garoto começou a rabiscar seus primeiros traços com gravetos - que logo, com auxílio de seus pais, tornaram-se letras e palavras - no chão de terra do jardim.

O ambiente em que Freire foi criado e a influência de seus pais foram uma primeira semente que aos poucos germinaria e mostraria seus frutos num Paulo maduro, preocupado com uma educação crítica e de qualidade. Aos seis anos de idade o menino foi matriculado em uma escola particular, onde novamente teve contato com novos elementos que podem ser notados na sua obra e sua pedagogia. Nessa escola, Freire teve aulas com a professora Eunice Vasconcelos a qual imprimiu nele - mesmo que sua mente infantil não percebesse naquela época - grande apreço pela língua portuguesa, e mostrou a Freire uma educação afetuosa, provocativa e curiosa.

Assim como grande parte do mundo, a família Freire sofreu com as consequências da crise financeira de 1929, resultante da quebra da Bolsa de Nova Iorque. O alto custo de vida na capital obrigou a família a se mudar para o município de Jaboatão. Na nova cidade, Freire presenciou uma mudança radical em seu padrão de vida e na dinâmica de seu lar. Aos doze anos, seu pai faleceu e sua mãe e irmãos passaram a trabalhar para tentar garantir o sustento da casa. Foi um período de dificuldades para família, que chegou até a conhecer a fome.

Desejando que Paulo fizesse o segundo grau, sua mãe conseguiu para o garoto uma bolsa de estudos no Colégio Oswaldo Cruz. Nesse novo colégio, ao final de seus estudos, Freire optou por um curso introdutório de Direito oferecido pela instituição. Essa mudança brusca de realidade com a crise de 1929, a fome, a pobreza, e a convivência com os mais abastados no Oswaldo Cruz foram os principais fatores para despertar em Freire consciência de classe e uma visão crítica da desigualdade social no país.

Getúlio Vargas, em 1946, cria o SESI (Serviço Social da Indústria) com o intuito de incorporar para si o apoio da massa trabalhadora e fomentar o crescimento da indústria nacional. Paulo trabalhou como assistente social do SESI Pernambuco, atuando nas demandas de um serviço escolar que funcionava de maneira paralela à rede pública. Sua experiência tratando dos assuntos do SESI foi essencial para amadurecer sua pedagogia. Como sugestão de dinâmica a ser aplicada nas escolas do Serviço Social da Indústria, Freire propôs os chamados "círculos de pais e professores" cuja intenção era romper com a hierarquização da relação educador/educando e unir pais e mães na prática educativa. Seu emprego na instituição foi mais uma das oportunidades que Paulo teve de testar e aperfeiçoar seu método. Ter contato com grupos distintos de pessoas e realidades diversas contribuiu para sua visão da urgência de uma educação que desse protagonismo ao aluno, que não descartasse seus conhecimentos e suas vivências, que incentivasse uma visão crítica e interessada da sociedade e de seus problemas. Freire rejeitava os métodos tradicionais que subjugavam o educando, e rejeitava a padronização do ensino, acreditava que era essencial personalizar suas metodologias a fim de proporcionar ao educando uma aula que retratasse o seu mundo.



Imagem I
Reunião de
coordenadores em
Angicos - Instituto
Paulo Freire

Avançando no tempo, anos após a Era Vargas, um dos exemplos mais emblemáticos do método de alfabetização colocado em prática foi na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte no ano de 1963, onde Paulo visava alfabetizar os educandos em 40 dias. Usando da estratégia dos círculos de debate, de um plano personalizado e ajustado à realidade do município, trazendo os educandos para uma posição de protagonismo nas discussões, Freire e sua equipe conseguiram alfabetizar cerca de 300 adultos em 45 dias. A experiência chamou atenção do presidente João Goulart, que no contexto das reformas de base, chamaria Paulo Freire para coordenar as atividades do Plano Nacional de Alfabetização (PNA).

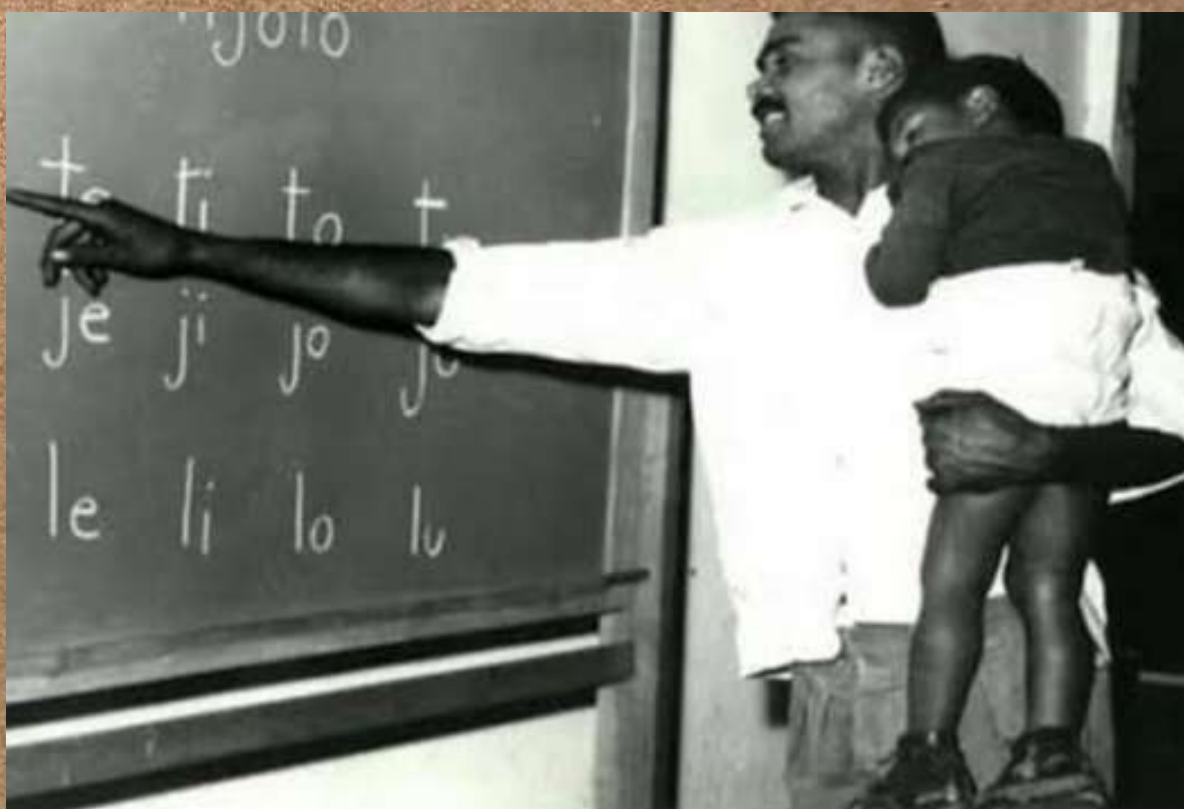
Imagem 2



Paulo Freire em Angicos - Instituto Paulo Freire

Freire viveu num Brasil em constante mudança, o século XX foi um período de intensa movimentação social. Nosso país passava por um processo de industrialização que acontecia desde o governo de Getúlio Vargas até João Goulart. O fortalecimento da indústria nacional e a construção de Brasília atraíram massivamente trabalhadores do campo para cidade. Atento a esse contexto, ao idealizar as reformas de base, João Goulart pensou ser de extrema importância educar esses trabalhadores que cada vez mais chegavam às áreas urbanas. Um país alfabetizado e educado aludia a um projeto de nação sonhado por Jango e todos aqueles que governaram o Brasil antes dele. Um país alfabetizado e educado era um país do progresso, do desenvolvimento, da prosperidade. É nesse viés que João Goulart aprova por decreto o Plano Nacional de Alfabetização, em 21 de janeiro de 1964. Antes de ser oficialmente aprovado o PNA já era um esboço elaborado pelo ministro da educação Paulo Tarso, que levava o nome de Comissão Nacional de Cultura Popular que tinha a finalidade de implantar no país um sistema educacional popular.

Imagem 3



Educador alfabetizando em Angicos - Instituto Paulo Freire

Ainda utilizando o trabalho de Vinícius França de Sena como referência, em 1963 antes mesmo da aprovação oficial do PNA, Freire é convidado a participar de sua coordenação e execução, partindo do Nordeste brasileiro para morar em Brasília. O projeto previa a instalação de 60.000 Círculos de Cultura, que deveriam alfabetizar 5 milhões de estudantes ao redor do país em dois anos. A dinâmica adotada para alfabetizar essas pessoas seria a mesma de Angicos, pois ela se mostrou muito eficiente. O método Paulo Freire passava por algumas etapas que eram essenciais para o educando entender-se como um sujeito ativo no seu contexto.

Também no trabalho de Simone de Conceição Rodrigues as Silva (2020) chamado "Método Paulo Freire: uma análise na alfabetização de jovens e adultos" somos apresentados a essas etapas. A primeira é a investigação e descoberta do vocabulário do grupo o qual se irá trabalhar. A captação desse vocabulário deve ocorrer em conversas informais com os moradores da região. A partir da descoberta do universo vocabular do grupo, são escolhidas as palavras geradoras, que são intrínsecas ao contexto sociocultural dos indivíduos, e para sua seleção para ser trabalhada em aula é levado em conta o grau de dificuldade fonética e sua relevância para o meio social do grupo, em Angicos por exemplo, "tijolo" e "trabalho" eram palavras recorrentes.

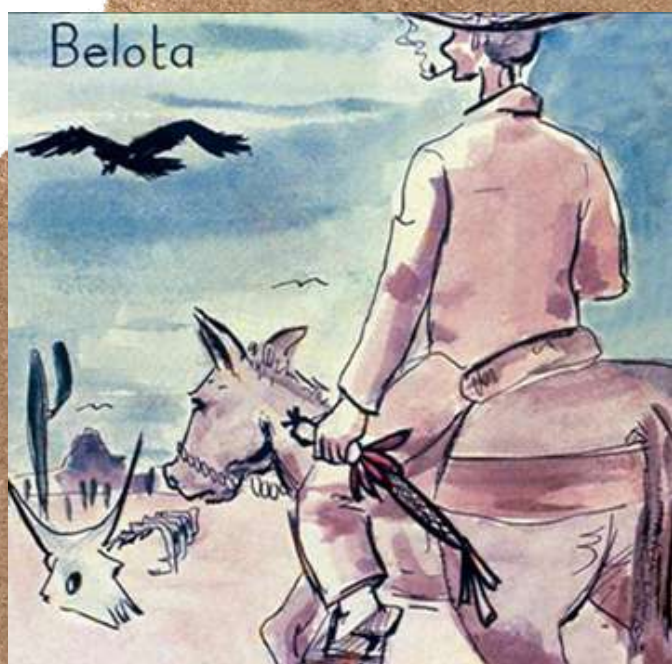
Imagem 4



Educando alfabetizado em Angicos falando por seus colegas - Instituto Paulo Freire

As palavras geradoras revelam a realidade e vivência daquela comunidade, e dessa forma, cada uma delas é apresentada em aula para os educandos debaterem acerca dos problemas que elas evocam e montarem novas palavras a partir das sílabas delas. Trabalho e tijolo, no caso de Angicos, evoca a violação de direitos que os trabalhadores da construção estavam sofrendo na época. A discussão das palavras geradoras agregava no educando a capacidade de analisar criticamente os problemas que ele, sua família, amigos enfrentavam. A essa etapa é dado o nome de círculo de cultura, em que tanto um professor quanto um indivíduo da comunidade podem conduzir, e que representa uma educação construída de forma coletiva e solidária, sendo de suma importância para integração e acolhimento dos estudantes. Nos Círculos de Cultura do Plano Nacional de Alfabetização, assim como em Angicos, os educandos eram apresentados ao conceito antropológico de cultura, e após isso, o condutor da aula empregava as chamadas fichas de cultura, para que os estudantes distinguíssem os elementos da natureza e os objetos criados pelo homem. Essa etapa, mais uma vez, incentivava um pensamento crítico e libertador, no sentido que o educando poderia constatar o papel ativo do ser humano como modificador da realidade.

Imagem 5



Ficha de cultura utilizada em
Angicos - Memorial Virtual Paulo
Freire

Imagem 6



Ficha de cultura utilizada em
Angicos - Memorial Virtual Paulo
Freire

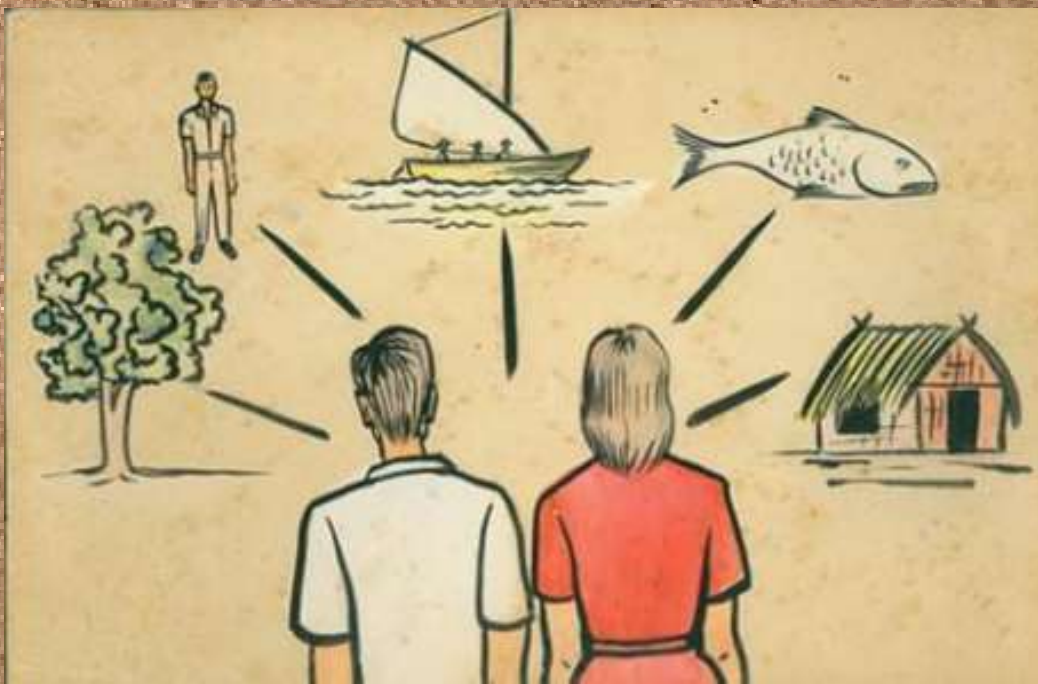


Imagem 7

Ficha de cultura utilizada no projeto piloto de alfabetização do PNA em Santa Catarina - Memorial Virtual Paulo Freire

Imagem 8

Ficha de cultura utilizada no projeto piloto de alfabetização do PNA em Santa Catarina - Memorial Virtual Paulo Freire



O que são as fichas de cultura?

As fichas de cultura são materiais visuais usados nos círculos de cultura para representar aspectos da realidade dos alunos e evocar reflexões. Elas funcionam como "codificações" de situações cotidianas, estimulando a discussão e a alfabetização a partir do universo vocabular e dos temas que fazem parte da vida dos educandos.

O clima político no país na década de 1960 era tenso, e o Plano Nacional de Alfabetização recém aprovado não teve chances de sequer mostrar resultados, pois no dia 31 de março de 1964 acontece o golpe que deu início a uma ditadura civil militar que duraria mais de duas décadas. Os golpes militares no Brasil e em outros países vizinhos se dão no contexto de Guerra Fria, que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam entre si a hegemonia de suas ideologias – capitalismo e socialismo, respectivamente – no mundo. Para barrar o avanço dos ideais socialistas na América Latina, os EUA minaram vários governos de esquerda por meio de financiamento de golpes, e apoio a ditaduras. João Goulart nesse cenário já não contava com aliados para governar e devido ao projeto das reformas de base era considerado um comunista. Com o golpe, todos os projetos iniciados por João Goulart foram automaticamente interrompidos, incluindo o Plano Nacional de Alfabetização coordenado por Paulo Freire. Os militares temiam que a população brasileira fosse alfabetizada por um método tão disruptivo como o que estava prática até então, e temiam que o método libertador de Freire incentivasse o povo a pensar, a revoltar-se, a exigir seus direitos. Os materiais do PNA foram todos apreendidos pelo Exército Nacional na Secretaria de Educação e Cultura (SEC), e exibidos nas televisões do país como um exemplo de “subversão comunista” que ameaçava a segurança nacional.

No Plano Nacional de Alfabetização os militares tinham o caminho livre para propor um projeto que se alinhasse com a ideologia do regime. A partir do trabalho de Leide Rodrigues dos Santos (2014), intitulado “MOBRAL: a representação ideológica do regime militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos” descobrimos que o plano educacional sucessor do PNA é o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). No ano de 1967, no dia 15 de dezembro, no governo de Arthur Costa e Silva, o MOBRAL nasce com função de amparo financeiro e técnico a iniciativas de alfabetização de jovens e adultos, porém, nesse primeiro momento não é capaz de exercer trabalho em campo por falta de verba. Após reformulação, no ano de 1971 o projeto dispunha de um orçamento de 20 milhões de dólares.

A sede do Movimento estava localizada no Rio de Janeiro e atuava de maneira conveniada com estados e municípios, enviando verba para esses locais, proporcionando assim uma ação descentralizada. O MOBRAL Central atuava em âmbito nacional fiscalizando, repassando orçamento, enviando materiais didáticos, orientações técnicas e avaliando os resultados obtidos pelo projeto. Em menor escala, cada estado tinha sua Comissão Estadual (COEST) com função de coordenar as atividades em nível estadual. As cidades, por meio da Comissão Municipal (COMUN), reuniam analfabetos, alfabetizadores, monitores, procuravam locais para as aulas e garantiam que as atividades do MOBRAL fossem colocadas em prática. O principal objetivo do projeto era alfabetizar adolescentes e adultos de 15 a 35 anos, faixa etária que supriria a demanda por mão de obra.

Como uma primeira diferença do método freiriano, a prioridade não era uma educação de qualidade, uma educação que ensinasse o indivíduo a ler palavras e o mundo. Pelo contrário, o foco era apenas atender a demanda da industrialização crescente no país. Era importante acabar com o analfabetismo não pelo motivo da leitura ser um fator importante para o desenvolvimento do cidadão como um agente social, na visão do regime a "mazela do analfabetismo" era impeditiva do progresso nacional, um empecilho para o desenvolvimento econômico.

Seguindo a lógica de ser um projeto criado no contexto da ditadura civil militar, o MOBRAL funcionava não somente como um plano de alfabetização, mas também como uma forma discreta de perpetuar e difundir os valores do regime, homogeneizando o pensamento do corpo social. Nos materiais didáticos eram comumente encontrados elementos que auxiliavam na manutenção do projeto de país que o governo idealizava: patriotismo, civismo, exaltação de heróis nacionais, e os militares sempre retratados praticando o "bem", passando a imagem de líderes amorosos e preocupados com seu povo, narrativa que não condizia com a realidade presenciada pelos brasileiros. Além disso, aulas e materiais didáticos eram padronizados, diferindo do PNA amparado pelo método Paulo Freire, que dispunha de aulas e materiais personalizados às demandas e realidade do grupo de educandos, já que as palavras geradoras e as fichas de cultura mudavam de lugar para lugar.

Portanto, ao explanar sobre recortes da vida de Paulo Freire e comparar o Plano Nacional de Alfabetização e o Movimento Brasileiro de Alfabetização fica claro que o uso da Educação como um aparato estatal é sempre ideológico. A Pedagogia libertadora de Paulo Freire, mesmo que vetada pela ditadura civil militar de ser exercida em âmbito nacional e mostrar seus resultados a longo prazo, foi naquela época um suspiro de esperança em meio a um Brasil tão desigual. Hoje, além do exemplo de luta, o Patrono da Educação e sua Pedagogia nos deixam um sentimento de que uma educação libertadora é essencial e urgente ao Brasil.

**Tirinha do perfil no Facebook "Armandinho",
publicada em 2021.**

**Agradecemos a Alexandre Beck a autorização para que
pudéssemos utilizá-la neste boletim.**

Imagem 9



Tirinha de Alexandre Beck que nos mostra de forma divertida a importância do trabalho de Paulo Freire

Para saber mais!

Paulo Freire nos deixou diversas obras para compreendermos sua maneira de educar. Como sugestão citamos "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia".

Referências:

MORAES, Raquel de Almeida; PEREIRA, Eva Waisros; TAUNAY, Maria Paula Vasconcelos. Dossiê Paulo Freire: Um projeto-piloto de alfabetização de adultos - de Brasília para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 104, p. e5562, 2023.

SANTOS, Leide Rodrigues dos. Mobral: a representação ideológica do Regime Militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos. **Revista Crítica Histórica**, v. 5, n. 10, p. 304-315, dez. 2014

SENE, Vinícius França de. **A ditadura militar brasileira (1964-1985), na vigilância do exílio de Paulo Freire: uma construção do educador subversivo**. 2025. 363 f. Tese (Doutorado em Educação - Cultura, Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025

RODRIGUES DA SILVA, Simone da Conceição. Método Paulo Freire: Uma Análise na Alfabetização de Jovens e Adultos. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 45, p. 91-117, 2020.

IMAGENS:

Diafilme do Programa Nacional de Alfabetização para o Estado do Rio de Janeiro, acervo.paulofreire.org/items/50aea9a2-3de0-4efb-9459-479ead2d9e4d

Slides para alfabetização com Método Paulo Freire do projeto-piloto do PNA em Santa Catarina, acervo.paulofreire.org/items/f8687b96-2793-44e2-af8c-5af53934fd1a

Slides da experiência de alfabetização de Angicos, acervo.paulofreire.org/items/522b1c73-51db-4593-a816-83564542814a

Armandinho | Facebook,

www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/1181213780709534/

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DTFE-ED)

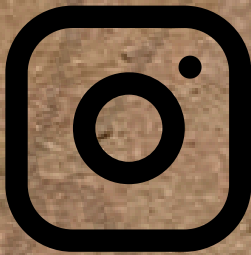
CONTATO



historiadaeducacao@ufpr.br



[facebook.com/
historiasememoriased](https://facebook.com/historiasememoriased)



[@historiasememoriased](https://www.instagram.com/historiasememoriased)
[@memoriasquefalam](https://www.instagram.com/memoriasquefalam)

Equipe 2026

Amanda Holzbach Gracia - História
Anita Deichmann Santos Lima - História
Caroline Good - Pedagogia
Daviane Tayná dos Santos da Silva - Pedagogia
Evelyn de Jesus Bay - Pedagogia
Fabiana Vitória Batista da Silva - Pedagogia
Gabriel Batista Diniz - História
Gabriely Andrade da Silva - Pedagogia
Isabela Mendes - Pedagogia
Kaynan Nascimento dos Santos - História
Laura Aparecida dos Reis Gonçalves - Pedagogia
Leo Cordeiro Lopuch - Pedagogia
Leonardo Santos de Oliveira - História
Letícia da Silva Luciano - História
Leticia Fontoura Halicki - Pedagogia
Mariana Vitória Gogola - História
Mônica de Fátima Lima - História
Nicole Pereira dos Santos - Pedagogia
Nicolly Vieira Borges - Pedagogia
Sabrina Cardoso da Silva - Pedagogia
Victoria Santos da Silva - Pedagogia
Vitória Albuquerque Barbosa - História

Acesse nossas
publicações, inclusive
este boletim

DIAGRAMAÇÃO DO BOLETIM
Caroline Good

